

## MULHERES E CONSCIENTIZAÇÃO: UMA REFLEXÃO ACERCA DA BUSCA PELA CIDADANIA POR INTERMÉDIO DA EDUCAÇÃO

Rosiléa Agostinha de Araújo (1); Erivana D'Arc Daniel da Silva Ferreira (1); Lorena Kelly Alves Pereira (2); Maria Virilândia de Moura Luz (3); Maria Claudia Paes Feitosa Jucá (4)

*IFCE/Campus Juazeiro do Norte, leia.uece@hotmail.com(1), IFCE/Campus Juazeiro do Norte, erivanadarc@gmail.com (1); IFCE/Campus Crato, lorenakellyc@gmail.com (2); IFCE/Campus Juazeiro do Norte, virilandialuz@gmail.com (3); IFCE/Campus Juazeiro do Norte, claudiaffjuca1@gmail.com (4)*

**RESUMO:** Este artigo constitui-se em uma reflexão sobre a importância da educação na tomada de consciência das mulheres, possibilitando assim o rompimento com os preconceitos e estereótipos que impedem o pleno gozo da cidadania das pessoas do gênero feminino. Tem como objetivo principal refletir sobre um tipo de educação que possibilite uma vida emancipada e empoderada às mulheres para que estas tenham como enfrentar os estigmas e os obstáculos impostos por uma sociedade socioculturalmente machista e misógina. A discussão aqui proposta mostra-se de extrema relevância, considerando que as mulheres são diariamente vítimas dos mais variados tipos de violência, sendo a educação uma importante e indispensável ferramenta para que estas possam, através da conscientização, sair da posição subalterna na qual foi colocada. Esta pesquisa é de cunho qualitativo, não se preocupando com representatividade numérica, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social ou de uma organização. Quanto aos procedimentos, classifica-se como pesquisa bibliográfica a qual proporciona um maior conhecimento teórico sobre a temática aqui apresentada. Para o embasamento teórico, buscou-se as ideias de autores como Paulo Freire, Amartya Sen, Edgar Morin, Bernard Charlot, Gustavo Venturi e Marisol Recamán dentre outros. Compreende-se ser urgente debater maneiras de tornar a educação acessível e eficiente à melhoria de vida das pessoas que por um motivo ou outro foram historicamente marginalizadas na sociedade. Proporcionar uma educação crítica, desalienadora, que promova as diferenças e as identidades de cada grupo será dar a estes condições de reivindicar os seus direitos como protagonistas de sua própria história.

**Palavras-chave:** Mulheres, Educação, Cidadania.

### 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende fazer uma reflexão sobre o papel da educação como espaço de conscientização das mulheres. Inseridos(as) em uma sociedade que privilegia o econômico em detrimento do social, que leva em conta a divisão sexual do trabalho, que cria verdadeiros abismos de desigualdade social, considera-se relevante refletir sobre a importância da educação como instrumento de conscientização para as mulheres.

Apesar de grandes conquistas alcançadas pelas mulheres no século XX e no atual, ressaltando-se que tais feitos foram resultado de muitas lutas e embates, ainda há muito a ser conquistado. Diante do exposto, podemos então perguntar: a educação, nos moldes atuais, oferece condições para que as mulheres conheçam e acessem os

seus direitos? Tal educação fortalece nestas o sentimento de pertença à sociedade e lhes assegura condições de participação efetiva?

Conforme afirmam Venturi e Recaman (2004):

Ao perseguirem sua autonomia, o respeito a sua dignidade e a sua integridade física; ao tentarem rearticular os espaços privado e público em outros termos, transformando o primeiro e ampliando sua inserção no outro; em suma, ao reivindicarem o fim da opressão de gênero, sendo esta tão onipresente, certamente as mulheres apontam não só para uma sociedade em que elas possam viver melhor, mas para um Brasil potencialmente menos injusto no conjunto de suas relações sociais. (VENTURI; RECAMAN, 2004, p. 29)

No contexto de busca pela autonomia, na luta por ser reconhecida como sujeito de direitos, como cidadã, à mulher deve ser garantida uma educação que seja promotora da igualdade entre homens e mulheres, que promova a desconstrução de estereótipos, que esteja comprometida com o combate à violência e ao preconceito.

## **2 METODOLOGIA**

Essa investigação se delinea como pesquisa Bibliográfica, que segundo Fonseca (2002) é feita a partir do levantamento de obras teóricas já estudadas com publicações em formato impressos e eletrônicos. Entende-se que a cientificidade de qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que possibilita o pesquisador conhecer o que já se estudou sobre a temática. Para Gil (2007, p. 44), os exemplos mais característicos desse tipo de pesquisa são sobre investigações acerca de ideologias ou aquelas que se propõem à análise das diversas posições a respeito de um problema. Quanto à abordagem, como pesquisa qualitativa, a qual não se preocupa com representatividade numérica centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. (GERHARDT; SILVEIRA, 2009)

Para o embasamento teórico, buscou-se as ideias de autores como Paulo Freire, Amartya Sen, Edgar Morin, Bernard Charlot, Gustavo Venturi e Marisol Recamán dentre outros.

## **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO: UMA REFLEXÃO SOBRE A EDUCAÇÃO PARA A CONSCIENTIZAÇÃO**

Inicialmente, reitera-se a nossa convicção de que a educação deve ter como cerne a pessoa humana, considerada em sua individualidade e em sua

multiplicidade, assim como a ideia de que o processo educacional não se limita ao espaço escolar, abrangendo também muitos outros lugares, em diferentes momentos históricos.

Conceitos como cidadania e educação são conceitos políticos e culturais que são compreendidos de diferentes formas segundo o tempo e o espaço. Por este motivo, falar deles exigirá uma certa cautela e muita responsabilidade.

A educação é uma realidade com múltiplas facetas e múltiplos desafios. Para os gregos, a *Paideia* era o modelo de educação que pretendia formar o ser humano no seu todo. Este ser humano, revelado por tal educação, é um ser político, que participa do espaço público, o que significava, para os gregos, a esfera da liberdade, que era uma condição de participação na vida política<sup>1</sup>. Nesse mundo a ação e a palavra se entrelaçavam, permitindo o reconhecimento social e tornando imortais aqueles que o conquistassem.

A educação tem sido vista de diferentes formas por estudiosos e estudiosas do assunto, ao longo do tempo. Vejamos alguns modos como ela tem sido definida:

- Émile Durkheim citado por Cabanas (1989, p. 11) define a educação como sendo “La acción de una generación sobre otra para adaptarla a las pautas de conducta establecidas.”
- Para Paulo Freire (1990, p. 28)

A educação é uma resposta da finitude da infinitude. A educação é possível para o homem, porque este é inacabado e sabe-se inacabado. Isto leva-o à sua perfeição. A educação, portanto, implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem. O homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser o objeto dela.
- Rosa Cobo (2006, p. 41) afirma que:

La democracia y la educación están vinculadas como lo están la educación y la igualdad... No solo la educación es un derecho «sino también el canal más efectivo para garantizar que los objetivos, las necesidades e intereses de los distintos ciudadanos - especialmente de aquellos más desfavorecidos - estén adecuadamente representados en las decisiones públicas.
- Victoria Camps (1998, p. 11) argumenta que:

Educar es así, formar el carácter, en el sentido más extenso y total del término: formar el carácter para que se cumpla un proceso de socialización imprescindible, y formarlo para promover un mundo más civilizado, crítico con los defectos del presente y comprometido con el proceso moral de las estructuras y actitudes sociales.

Cada uma destas perspectivas representa diferentes modos de pensar esse complexo assunto, relevando aspectos diferenciados sobre o processo e as finalidades educativas. São

---

<sup>1</sup>As mulheres estavam excluídas desta participação.

alguns pensamentos que nos mostram o esforço que fazem muitos e muitas para pensar a educação, sem deixarmos de reconhecer, todavia, que estes esforços serão sempre pequenos diante da magnitude desta tarefa. São pontos de vista que indicam direções, apontam sugestões, buscam respostas.

É preciso buscar, acreditar numa educação que seja um espaço fecundo para o desenvolvimento da consciência crítica, da capacidade de perguntar e de analisar os fatos, da condição de dar respostas, de criar. Uma educação que considere a incompletude dos seres humanos, que estimule o pensar, que traga consigo um ideal da pessoa humana e do mundo que queremos construir e que está a serviço da inclusão e da transformação do mundo.

Tal educação pode dar instrumentos aos homens e às mulheres da nossa sociedade não apenas para pensar, mas para tomar consciência da realidade e dos seus semelhantes. Implica sair da reflexão e partir para uma ação concreta. Têm elos entre o passado e o futuro, entre os sujeitos e as sociedades. Ela é o caminho pelo qual estas sociedades compartilham o seu legado cultural, para que a história possa ser conhecida, discutida, questionada e apropriada. A partir daí os membros desta mesma sociedade construirão a sua identidade própria, comprometendo-se com a sua história, sendo capaz de modificá-la.

Para Freire (1990, p. 28), “a educação tem caráter permanente. Não há seres educados e não educados. Estamos todos nos educando.” Isto é, a relação educativa é uma relação de ajuda, de comprometimento recíproco. A ação do educador ou da educadora neste processo não pode ser suprimida, assim como também não pode ser desconsiderada a ação do educando ou da educanda. Estas relações educativas inserem-se num universo em que o ato de criar e recriar torna a realidade mais humana. Freire (2003) expressa em diversos textos a preocupação com estas relações do ser humano na sua busca permanente de humanização. Sobre isto diz, a determinada altura de uma das suas obras:

É a partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. (FREIRE, 2003, p. 37)

Neste processo a pessoa humana já não é um simples objeto, é um sujeito. Supera a simples acomodação e passa a uma postura crítica oferecendo-lhe, assim, a possibilidade de sair de uma atitude de resignação e acomodação para uma atitude de comprometimento e de luta. Este salto, de uma posição para outra, dar-se-á através de processos crescentes de conscientização, os quais são pontos fulcrais na construção de uma cidadania plena.

Próximo a esta linha de pensamento insere-se Tedesco (2004, p. 55) ao reconhecer que:

El papel de la educación y del conocimiento en la formación del ciudadano implica incorporar en los procesos educativos una maior orientación hacia la personalización del proceso de aprendizaje, hacia la construcción de la capacidad de construir valores, de construir la propia identidad.

Uma educação voltada para a cidadania não poderá estar limitada apenas ao repasse das disciplinas, mas deverá promover e transformar o ser humano. A educação pode e deve ser muito mais que a transmissão de conhecimentos, ela deve ser humanizadora, deve permitir o diálogo, oportunizar a crítica, o fazer político. Freire (2003, p. 37), ao relacionar educação e política, afirma o seguinte, “Não pode existir uma prática educativa neutra, descomprometida, apolítica. A diretividade da prática educativa que a faz transbordar sempre de si mesma e perseguir um certo fim, um sonho, uma utopia, não permite sua neutralidade.”

Necessita-se de uma educação que mobilize o que o conhecedor sabe do mundo exercitando a sua curiosidade e que promova a pluralidade de ideias e de culturas, reconhecendo e valorizando os diversos saberes.

Morin (1999, p. 51) acentua este aspecto da diversidade cultural quando afirma que:

A educação do futuro deverá ser um ensino primeiro e universal centrado na condição humana. Estamos na era planetária; uma aventura comum apodera-se dos humanos onde quer que estejam. Estes devem reconhecer-se na sua humanidade comum e, ao mesmo tempo, reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo quanto é humano.

Neste começo de milênio a educação apresenta-se diante de muitos desafios: de um lado, satisfazer as necessidades dos sistemas educacionais com suas demandas, sem desconsiderar que estes estão inseridos dentro de uma ótica neoliberal em que a formação deve se voltar para o desenvolvimento de competências para o mundo laboral, com um crescente estímulo à competitividade, sendo que “o desafio é educar as crianças e os jovens propiciando-lhes um desenvolvimento humano, cultural, científico e tecnológico, de modo que adquiram condições para fazer frente às exigências do mundo contemporâneo”. (CHARLOT, 2013, p. 12).

Do outro, responder às expectativas das famílias que desejam uma educação para seus filhos e filhas, que lhes dê uma preparação intelectual, mas que também ofereça ferramentas para o seu desenvolvimento pessoal e social e condições para que ingressem no mercado de trabalho com sucesso. “Assim cresce o descompasso entre o que a escola oferece e o que os alunos e os pais esperam dela e, portanto, aumentam as dificuldades dos docentes”. (CHARLOT, 2013, p. 41).

Por último, uma sociedade que espera que a educação forneça às pessoas os instrumentos necessários para o pleno exercício da cidadania. Entretanto, “a sociedade globalizada trata o saber como um recurso econômico, mas requer homens globalizados instruídos, responsáveis e criativos.” (CHARLOT, 2013, p. 61).

Como resolver tais desafios? Como assegurar a todas as pessoas os seus direitos, garantindo que se cumpram, numa atitude de respeito às diferenças e de compromisso com as outras pessoas. Direito a ser respeitado na sua individualidade, direito a “ser diferente” sem ser desigual, direito de ver sua cultura reconhecida e valorizada etc. Tudo isso numa sociedade que estimula o individualismo e onde também se vê crescer, de forma assustadora, o fundamentalismo; uma sociedade cuja lei garante direitos iguais a todos e todas, mas que, na prática, não os vemos assegurados.

Neste contexto, infelizmente, as mulheres são ainda mais vítimas. Há fortes indícios do menosprezo das questões relacionadas às mulheres em muitas partes do mundo. Proporcionar a elas educação de qualidade, oportunidades de obter rendimentos através do trabalho digno, de participação efetiva nos espaços de discussão e de tomada de decisão, podem ser contributos para trazer força e confiança à voz e à ação das mulheres.

Amartya Sen (2003) defende a ideia de que por meio da educação, as mulheres fortalecem a sua ação com possibilidade de se tornarem mais esclarecidas e competentes.

A educação deste século precisará ser uma educação que supere os limites impostos pelo sistema econômico, com criatividade e responsabilidade, portanto, uma educação que garanta o acesso e a permanência de todos e todas, que atinja o ser humano na sua totalidade, que seja muito mais voltada para a transformação social do que para a transmissão simples de informação. Uma educação que permita desenvolver uma capacidade permanente de análise e um pensamento crítico diante dos problemas.

Tal educação não é uma utopia. Ocorrerá quando toda a sociedade se empenhar e se comprometer com isto, pois ela requer uma mudança de paradigmas e de atitudes, requer um comprometimento com a ruptura desta sociedade desigual.

É necessário investir na educação das mulheres, pois as deficiências educacionais, as políticas sociais, muitas vezes ineficientes, um sistema econômico discriminador, têm colocado à margem do sistema de educação vários grupos da população, nomeadamente as mulheres, contribuindo também para que muitas pessoas fiquem fora do mercado de trabalho formal, reproduzindo-se mais uma vez a situação de pobreza. Como diz Auad (2016, p. 14), “educar homens e mulheres, para uma sociedade democrática e

igualitária, requer reflexão coletiva, dinâmica e permanente”. É imprescindível que aconteçam profundas mudanças na sociedade e isto exigirá o esforço e o engajamento de todos e todas. Rosa Maria Torres, educadora equatoriana, argumenta que, “a educação e a aprendizagem não são um fim em si mesmas. São condições essenciais para a melhoria da qualidade de vida das pessoas e das famílias, para o desenvolvimento comunitário e para o desenvolvimento nacional.” (TORRES, 2003, p. 83)

Garantir uma educação de qualidade para todos e todas poderá constituir-se uma via poderosa para o desenvolvimento. Ao terem acesso ao conhecimento, ao verem respeitadas as suas culturas, estas pessoas instrumentalizam-se para compreender melhor os fenômenos sociais, dentre eles, aqueles que lhes atingem diretamente. E não só compreender, mas também ter condições de agir nas comunidades, de apontar as soluções para os problemas que vivenciam, sem esquecer, entretanto, a importância de redescobrirem a organização em grupos e associações para reivindicarem os seus direitos.

Relacionar a compreensão de sua realidade social aos conteúdos estudados permitirá às pessoas, especialmente às mulheres, desenvolverem criticamente o seu olhar, aprenderem mais sobre sua realidade.

A conscientização dos problemas da sociedade é um ponto de partida para a sua transformação. Neste aspecto, Freire (1999, p. 112) argumenta que “a conscientização é o aprofundamento da tomada de consciência. Não há conscientização sem a tomada de consciência, mas nem toda tomada de consciência se alonga obrigatoriamente em conscientização.”

O referido autor, ao falar de consciência distingue consciência ingênua e consciência crítica. Para ele, a consciência ingênua ou mágica é aquela que explica os acontecimentos através de superstições porque tem uma consciência mágica da realidade. Esta forma de consciência não se aprofunda nos problemas, tira conclusões apressadas e superficiais, subestima as pessoas mais simples e diz que a realidade é estática e não mutável. Por outro lado, a consciência crítica é aquela que não se satisfaz com as aparências, que reconhece que a realidade é mutável, que é indagadora, investigadora, que ama o diálogo. (FREIRE, 1990, p.40)

A conscientização implica sair da consciência ingênua para uma consciência crítica da realidade. O processo de conscientização é um processo de conhecimento que se dá na relação ser humano–mundo. Implica uma dialética entre ação e reflexão. Este desenvolvimento crítico da tomada de consciência que leva à conscientização, dar-se-á

pela variação dos estágios da consciência. E a educação é um elemento fundamental neste processo.

Para as mulheres, a conscientização permitirá o desvelamento das situações de opressão, discriminação e desigualdade a fim de que os preconceitos e os estereótipos sejam desmistificados. É um processo que torna possível uma visão crítica sobre a realidade e sobre si mesmas.

Uma educação que propõe a criticidade, a tomada de consciência, precisa refletir sobre os estereótipos, promovendo uma mudança nas representações, atitudes e comportamentos que, de algum modo, se revelem estigmatizados, que considere a vocação ontológica do ser humano, a vocação de ser sujeito, não somente por ser homem ou mulher, mas por ser humano.

A pessoa humana não pode participar ativamente da transformação da sociedade se não tiver condições de dar voz às suas demandas, se não puder falar por si, se renunciar a sua condição de sujeito para ser tão somente um objeto.

A educação pela conscientização tem como imperativo ético desvelar, desocultar a realidade, permitindo que as pessoas conheçam-na e possam assim atuar, manifestar, criticar sobre ela, libertando-se das situações de opressão. Esta libertação se dar numa perspectiva histórica na qual a consciência das mulheres e dos homens é uma condição inegociável. (FREIRE, 2003)

Ao conquistar o direito à palavra, as mulheres podem pronunciar o mundo e participar de sua transformação. A importância de investir na educação das mulheres é reafirmada pelo pensamento de muitos(as) estudiosos(as) da atualidade, entre os quais destacamos o pensamento de Amartya Sen (2003) quando argumenta que aspectos como capacidade de obter rendimento, papel econômico fora da família, literacia, educação, direitos de propriedade, podem contribuir positivamente para trazer força à voz e à ação das mulheres, através da independência e da autonomia. Ao refletirem sobre suas vidas e suas realidades, ao adquirirem conhecimentos e ampliarem seus horizontes de educação, ao poderem construir seu projeto de vida, no qual se realizem, terão melhores instrumentos para enfrentarem condições de vida deficientes e superarem as condições adversas da pobreza e da exclusão.

Portanto, fica evidenciado que as mulheres, ao terem acesso a uma educação que respeite sua identidade, valorizando seus potenciais e reconhecendo-as como sujeitos, terão

condições de emergir da obscuridade para um espaço de participação social e política.

## CONCLUSÕES

Não se pode desconsiderar que a situação das mulheres assemelha-se à situação de tantas outras minorias relegadas a um segundo plano. Os sistemas educativos, muitas vezes, estão comprometidos com a reprodução da ideologia da sociedade capitalista neoliberal, existindo, portanto, muitos obstáculos para alcançarmos a igualdade de gênero.

Considera-se que a educação, numa perspectiva crítica e dialógica, favorecerá às mulheres o conhecimento dos seus direitos, e, assim sendo, lhes dará condições de reivindicá-los, como protagonistas de sua própria história. O desafio maior é, sem dúvida, proporcionar essa educação crítica, democrática, desalienadora e que promova as diferenças e as identidades de cada grupo excluído em nossa sociedade. O primeiro passo é reconhecer a situação de subalternidade desses grupos para logo após reivindicar políticas públicas educacionais que os auxiliem em busca de uma educação conscientizadora capaz de promover a cidadania.

## REFERÊNCIAS

- AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2013.
- CABANAS, Jose Maria Quintana. **Sociologia de La Educacion**. Madrid: Dykinson, 1989.
- CAMPS, Victoria. **Hacer Reforma: Los Valores de la Educación**. 7. ed. Madrid: Gupo Anaya, 1998.
- COBO, Rosa. **Interculturalidad, feminismo y educación**. Madrid: Ministério de Educación y Ciência, 2006.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. São Paulo: Cortez Editora, 2003.
- FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez Editora, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1990.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes para a Educação do Futuro**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

SEN, Amartya. **O Desenvolvimento Como Liberdade**. Lisboa: Gradiva, 2003.

TEDESCO, Juan Carlos. **Educar en la sociedad del conocimiento**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2004.

TORRES, Rosa Maria. **A educação em função do desenvolvimento local e de aprendizagem. In Muitos Lugares para Aprender**. São Paulo: CENPEC; Fundação Itaú Social; UNICEF; 2003.

VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely (org). **A Mulher Brasileira nos espaços público e privado**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.